

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 630	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte. m. forte)	3\$800	1\$900	6250	8100	25 DE JUNHO DE 1896	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Desembarcou ás duas horas de sabbado a expedição, que, sob o commando do sr. Infante D. Affonso, d'aqui partira para a India, ha proximo um anno.

Na noite de sexta feira o *Ambaca* fundeara em Caxias.

Foi uma noticia alegre para tantos que emfim descansaram das saudades de filhos, paes, maridos, ausentes por tantos mezes. Mal dormiram essa noite, a mais longa de todas, e, pela manhã, quando, rio acima, os vapores caminhavam ao encontro do *Ambaca*, lenços febris, sacudidos por mãos amigas, bem manifestavam o jubilo d'aquellas almas.

Era festivo o aspecto do Tejo, n'essa manhã de verão. O sol dardejava da immensa cupula azul, saphira concava d'uma opulencia unica, raios de fogo esmaltando o lago tranquillo, incendiando-o, enchendo de placas d'oiro as aguas verdes, esmeraldinas.

A galeota real, com os seus vinte remadores vestidos de vermelho, cortava rapidamente as aguas, e um coração de rainha, n'esse momento, vibrava em unisono com os de tanta pobre mulhersinha, para quem, por tantos mezes, o sol brilhára inutilmente, incapaz de romper a nuvem negra d'uma saudade intensa.

Eram duas horas da tarde, quando o sr. Infante desembarcou, logo seguido pelas forças, que o haviam acompanhado.

Immensa multidão de povo agglomerava-se á porta do Arsenal, pela rua, até ao Terreiro do Paço ou-

de El-Rei, acompanhado por numeroso estado maior, passou revista ás tropas.

Se estas não trouxeram da India as corôas gloriosas, que eternamente hão de enflorar as bandeiras que voltaram de Africa, se melhor sorte quiz ali proteger os nossos homens e se o prestigio do nome portuguez foi tanto que por si quasi bastou para a completa victoria, nem por isso deixaram os nossos soldados de provar uma vez mais, pelo ardor que manifestaram, pela disciplina a que sempre se mostraram fieis, pelo arrojo

com que buscaram os perigos, que são dignos irmãos dos heroes de Marracuene, Magul, Cooella e Chaimite, dignos filhos d'aquelles que, com tanta gloria, n'essa mesma India, edificaram um imperio poderosissimo.

Foi de festa esse dia no quartel de infantaria 2, tanto maior quanto, felizmente, poucos foram os que, havendo tomado parte na expedição, não puderam, por doentes, assistir á recepção festiva, aos brindes entusiasticos dos seus companheiros d'armas.

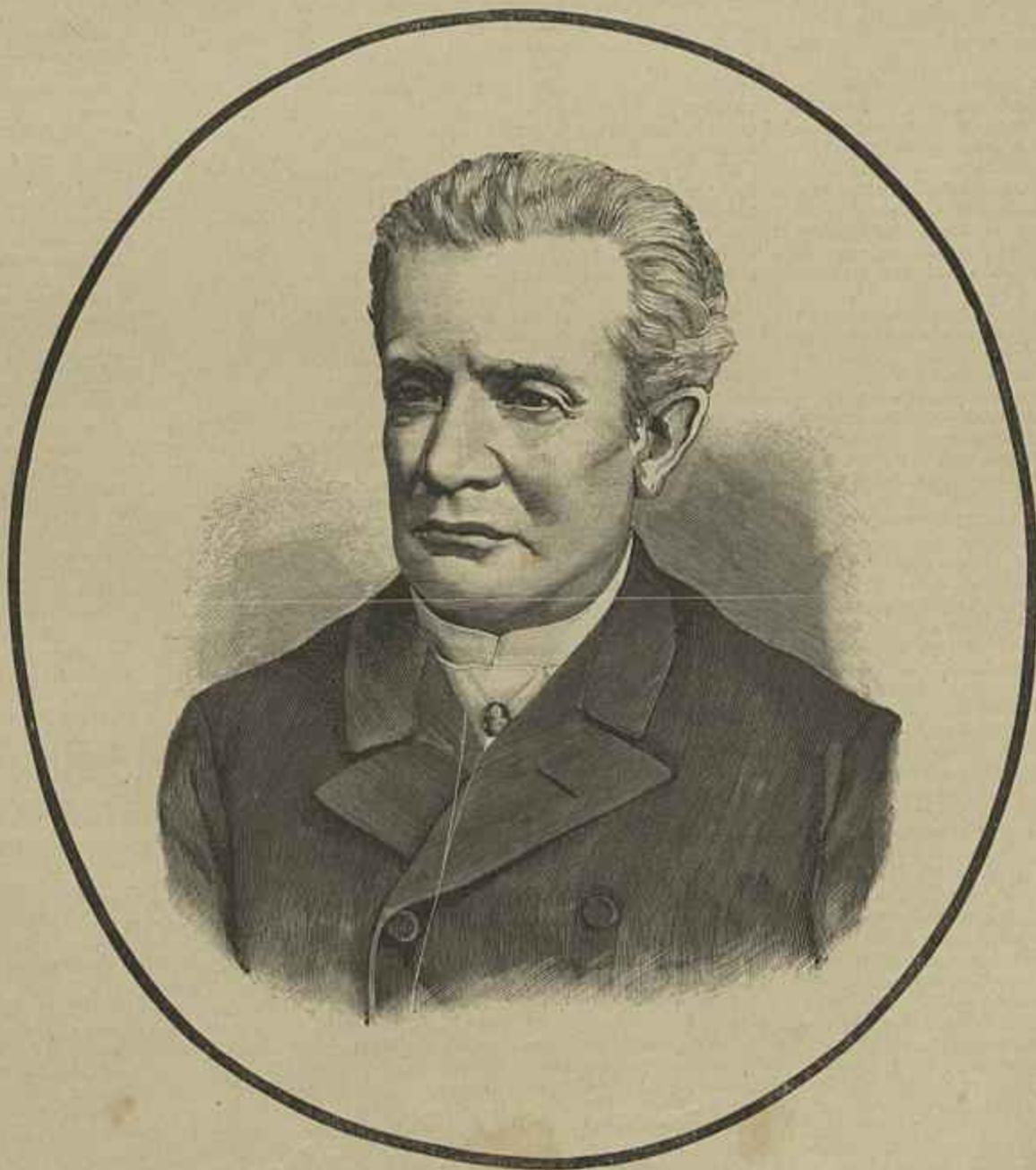
A festa continuou no domingo á noite e decididamente não ha como o sr. Conde de Burnay para a organização de festejos populares. Lindissima a illuminação do seu palacio, esplendido o fogo de vistas a que assistiram milhares de pessoas no areal da Junqueira.

Fala-se muito agora no halle que os srs. Condes darão no proximo dia 30 ao sr. Infante D. Affonso. Palacio, estufas, jardins, transformar-se-hão, á voz da varinha d'oiro milagrosa, em verdadeira mansão de fada das Mil e Uma Noites. Foram espalhados convites ás centenas e espera-se a assistencia de todos os officiaes repatriados. Deve ser uma festa digna a todos os respeitos da opulencia e bom gosto artistico dos donos d'aquelle palacio encantado.

E, sempre n'estas festas, dominarão as notas patrioticas, essas que ás primeiras noticias das victorias das nossas armas vibraram tão poderosamente nas almas portuguezas e que, por longos annos, de paes a filhos, de filhos a netos, se irão transmittindo como a mais sagrada das musicas.

Na historia portugueza ha hoje mais meia duzia de paginas brilhantissimas; bom é que todos as apprendam.

Na ultima chronica falámos d'um livro tão util como interessante, *A Campanha d'Africa contada por um sargento*, e já hoje podemos assegurar-lhe um exito de venda



CONDE DO CAZAL RIBEIRO
FALLECIDO, EM MADRID, NO DIA 14 DO CORRENTE
(Copia de uma photographia)

como raras obras teem ultimamente obtido entre nós. Já dissemos o que era esse volume, esse fragmento da nossa historia gloriosa contada por uma testemunha presencial de grande parte d'essa campanha tão heroicamente terminada pelo feito de Chaimite.

O livro, avidamente procurado por todos os que desejam instruir-se na moderna historia de Portugal, passando, ao mesmo tempo, meia dúzia de horas distrahidas; tem a sua primeira edição quasi esgotada.

Um outro appareceu agora sobre o mesmo assumpto, *Victorias d'Africa*. E' seu auctor um distinctissimo official do exercito, que é ao mesmo tempo um notavel homem de letras, Antonio de Campos Junior.

Ha muito que o seu nome é conhecido e estimado. Jornalista muito distincto estreitou-se no theatro com a *Torpeza*, peça a proposito do brutal ultimatum de Inglaterra e que, representada no theatro da Alegria, obteve um exito colossal. Campos Junior quizera esconder modestamente o nome, fora propositalmente procurar o mais humilde dos theatros para n'elle dar a sua primeira obra; mas era ella de tal natureza, tão fulgentemente brilhavam n'aquellas scenas o talento do poeta que as sonhára, o coração do patriota com cujo sangue as escrevêra, que, todos de pé, o quizeram n'essa noite acclamar, o chamaram ao palco, o obrigaram a submitter-se a um dos mais bellos triumphos a que temos assistido.

Antonio de Campos Junior tem um entranhado amor a este bocadinho de terra em que nasceu. Dramaturgo distincto, auctor de varias obras que sempre obtiveram enorme exito, estreitou-se, levado mais pela idéa de vingar a patria offendida, do que em busca dos applausos que desde então o teem sempre acompanhado. Jornalista distincto, foi a historia patria que lhe forneceu os mais bellos artigos que teem sahido da sua penna d'ouro em portuguez castiço.

O seu ultimo livro é uma obra do seu coração, verdadeiras paginas de historia e de critica historica. Official do exercito, pode escrever eruditamente sobre os factos, dedicando a primeira terça parte do livro ás antigas expedições portuguezas, a precedentes e confrontos, que formam o segundo capitulo interessantissimo do livro, verdadeira obra de historiador, a historia de Moçambique e dos vítuas até á rebelião dos cafres e defeza de Lourenço Marques. Narra depois a campanha desde as primeiras operações até á prisão do Gungunhana, o facto mais extraordinario de toda aquella guerra.

Este livro bastaria para collocar Antonio de Campos Junior entre os nossos primeiros escriptores historicos, se elle ainda precisasse de qualquer confirmação para esse titulo glorioso.

Tudo nos faz prever que terminou por muito tempo a guerra nas nossas colonias. Bom é entretanto que se fique sabendo o que por lá passaram esses a quem Portugal, que não deve descançar na paz dos loiros, deve o poder disfructar a tranquillidade ambicionada.

Terminadas estas festas que se annunciam para o fim do mez, o verão que se estreitou com os fortissimos calores d'estes ultimos dias, manifestar-se-ha despovoando a cidade.

Acham-se fechados já muitos theatros e só dois d'elles ficarão abertos estes mezes, segundo se diz, o da Trindade, onde se está ensaiando uma nova peça de Eduardo Schwalback, e o D. Amelia, onde brevemente subirá á scena a *Marjolaine*.

A companhia do theatro de D. Maria continua no Porto, onde o nosso velho Taborda, a maior gloria do theatro portuguez, acaba de ser victoriadissimo pelo desempenho magistral que dá ao papel de Sganarello no *Medico á força*. E' que realmente não ha melhor. Quanta vez, applaudindo delirantemente os afamados actores estrangeiros que nos teem visitado, podemos intimamente e orgulhosamente pensar que o maior de todos, o que mais alto tem levantado a arte, quasi a tocar no ideal da simplicidade, é esse bom velho, tão querido de nós todos, de tão singular talento, tão genialmente natural nos seus processos de commoção. Sabemos que é limitado o genero em que pôde trabalhar, mas n'esse é exímio e sem rival. A maravilhosa comedia de Molière, que tão artisticamente traduzida por Castilho é hoje uma das melhores peças portuguezas, talvez nunca encontrasse interprete superior.

Esperamos ainda vê-lo em D. Maria na proxima época.

Entretanto, emquanto os theatros estão fechados, mudam-se as atenções para outras festas mais populares, mais alegres.

Os cartazes dos toiros com as suas côres vistosas chamam-nos as atenções. Com uma enchente á cunha realisou-se na semana passada a toiradas

do Guerrita. E esse continúa a ser o grande heroe do dia; o seu nome em letras d'ouro, brilhantes, no cartaz multicolor faz com que essas ruas até ao Campo Pequeno se encham de gente, que os comboios abarrotam, que os trens de praça rodem, que gemam as mulas dos americanos, que estoirem foguetes no ar, berrem as gargantas, rebentem os pulmões, aqueçam as mãos com as palmas e o céu pareça mais azul, o ar mais vivo, o sol mais quente e luminoso!

João da Camara.

CONDE DO CASAL RIBEIRO

Notavel e dolorosa coincidência!

Não ha muitos dias ainda, a *Real Academia de Historia*, de Madrid, praticara a gentileza e a justiça de conferir um dos seus logares a Casal Ribeiro; e a direcção d'esta revista, julgando opportuna a publicação do retrato do nobre titular, mostrou desejos de que eu acompanhasse a gravura com algumas palavras biográficas. Tratando-se de um homem que deveras honrava a sua terra, e que não me honrava menos com o favor da sua benevolencia, era gratissima a tarefa de singelo biografo. Faltava-me porém a indicação precisa de umas datas; e como estivesse ausente de Portugal o conde do Casal Ribeiro, solicitei de um de seus filhos, o dr. Ignacio E. Casal Ribeiro, o favor daquella indicação. Logrei resposta amavel, e della desprendo as seguintes linhas:

— «Meu amigo. Com o maior prazer satisfaria o desejo de V., se não soubesse de antemão que meu pai não gosta que se dêm elementos para esse fim, sem que elle previamente o saiba. Ora acontece que elle se acha actualmente em Madrid, donde regressará até 15 do corrente; por isso, não tendo V. urgencia muito grande. . . »

Léram bem? O conde devia regressar até o dia 15. Pois na vespera dêsse dia, aquelle lucidissimo espirito despediu-se da terra, e evolava-se ás misteriosas regiões, donde não há regresso.

O que regressou para nós foi o seu fragil invólucro, reliquia todavia preciosa e querida de quem não deve ser esquecido, e a quem as lagrimas e saudades de quantos o amaram, de involta com as homenagens da pátria agradecida e reverente, erguerão elevada e perdurável memoria.

Contava 71 annos o conde do Casal Ribeiro.

Não obstante as suas cultas e amplissimas faculdades, não deixa trabalhos artisticos ou literarios a constituirem grandes tomos, que o seu temperamento togoso mal se comprazeria na longa e calma compulsão de um thema.

Dêsde a Universidade, que elle cursou, de 1843 a 1848, e em todos os estadios da sua vida, accentuou sempre um temperamento são mas ardente, orientado pela mais larga e privilegiada intelligencia.

Ainda estudante de Coimbra, e quando a *Patuleia* agitou tão vivamente o pais, que só os soldados do general Concha puderam evitar a imminente victoria de uma conflagração democratica, Casal Ribeiro fez parte da junta governativa e revolucionaria que se formou em Coimbra; e se a convenção de Gramido não garantisse a impunidade dos revolucionarios, Casal Ribeiro soffreria duramente as consequencias de uma rebelião gorada.

Nada soffreu felizmente; e o advento da segunda republica franceza em 1848 mais lhe inflammou o sangue no antegozo das conquistas democraticas, suggerindo-lhe pamphletos de um brilho e vigor estranhos.

Como pamphletario, — qualidade que elle manteve até os ultimos annos, — tem alguma coisa de Paulo Luis Courier, pelo incisivo de frase, vigor da argumentação e belleza do estilo.

Como homem de talento e de imaginação, Casal Ribeiro pagou largo tributo ás musas, e, na sua mocidade, foi um dos mais apreciados poetas do seu tempo.

Estava-se então em pleno romantismo. O *Jupiter de Weimar*, lançando o *Fausto* á immortalidade; o grande poeta do *Child-Harold*, espalhando um rasto de luz, desde o Tamisa ao Pireu, haviam tocado a rebate sobre a necrópole do classicismo; e Hugo, traçando o prefacio do *Cromwel*, desfaldára a bandeira nova sobre tôdas as

nações da raça latina. Garrett e Herculano haviam recebido, nos ágapes do exilio, a iniciação nos novos dogmas.

A volta daquelle exilio incide com a renovação romantica no extremo occidente; e é de Coimbra que surgem os primeiros ecos, despertados pela voz prestigiosa de Herculano e Garrett.

É numerosa e brilhante a primeira pleiade coimbrana de poetas romanticos. Bastará citar Antonio de Serpa, Alexandre Braga, Aires de Gouveia, Gouto Monteiro, Rodrigues Cordeiro, Soares de Passos, João de Lemos, e José Maria do Casal Ribeiro.

Casal Ribeiro não chegou a reunir os seus versos em volume; mas acham-se, em grande numero, diffundidos pelas fôlhas volantes da imprensa periodica, relativa ao periodo decorrido de 1848 a 1860.

Bem sei que os versos de então não são versos a-la-modã; mas como um necrológico tenha alguma coisa de inventário, não será descabida aqui, nem desagradecida porventura, a transcripção de uns versos de Casal Ribeiro. Trespalcam o perfume privativo, e hoje desadorado, dos florilégios da época, mas revelam evidentemente a delicadeza do artista e o primôr da sua versificação. Intitulam-se *Amór perfeito* e são do teor seguinte:

Amór perfeito! Não crelo
to teu nome,— não me tentas
tu a mim!
Não me tentas, nem receio
da formosura que ostentas
no jardim.

Não receio, não: — são bellas
tuas galas, tuas côres,
para vêr;
mas enganam como ellas
são falsas como os amores
da mulher.

Amór perfeito! delirio,
chimera, que vive um dia,
e mais não!
e depois fica o martirio,
a longa e lenta agonia
da paixão!

Não te quero, amór perfeito!
Não me illudem tuos incantos,
finda flor
Não, não quero unir-te ao peito,
que a minha voz não tem cantos
para amór.

Ai! não tem! nem esta lira
um só eco derradeiro
pôde têr!
que os amores são mentiras
no sorriso feiticoso
da mulher.

Não obstante o merito evidente desta e de outras composições do mesmo autor, parece que, no conde do Casal Ribeiro, a politica matou a poesia, visto como, desde que elle se notabilizou no parlamento, nos conselhos da corôa e na diplomacia, ninguém mais falou dos seus versos, nem consta que elle repilhasse as verêdas do seu dilecto Parnaso.

Em compensação, a eloquencia parlamentar teve nelle um dos seus mais exalçados ornamentos.

Foi sobretudo como orador parlamentar que elle se impôs ao respeito e á admiração de quantos o escutaram ou léram. A leitura porém, que nós fazemos dos seus discursos, nem pallidamente reflecte o extraordinario effeito daquelle voz quente vibrante, subjugadora, e a mobilidade e a vida daquelles olhos, daquelle cabeça, daquellas mãos, daquelle pequeno corpo, que se agigantava na mente de quantos o ouviam.

Apparentemente, e fora da tribuna, Casal Ribeiro era a antithese das condições fisicas, que o velho Quintiliano exigia em qualquer orador. Nós temos noticia da sobérba e dominante figura de Mirabeau agitando a França com a sua palavra de fogo, como uma criança agita uma péla; supomos que Marco Tullio, trovejando no *forum* e fulminando Catilina com as suas apóstrofes, possuiria a pujante musculatura de um athleta dos jogos olímpicos; parece-nos que o patriota atheniense, que fez rosto com as *Filippicas* ao invasor macedonio, seria o modelo vivo de algumas daquellas grandiosas figuras que fizeram a gloria e a immortalidade de Fídias; e, para acreditar que a exigua estatura de Casal Ribeiro era a de um orador de primeira grandeza, fazia-se mister ouvi-lo. A ideia empolgava o então: o seu vulto transfigurava-se; e, como cercado de um halo resplandecente, impossivel era medir-lhe as dimen-

sões ou havêr balestilha que medisse a distancia entre elle e o commum dos mortaes. A sua cabeça erecta, solenne, a sua cara toda barbeada, o fulgurar dos seus olhos e o vigor da sua voz, traziam-nos á ideia aquellas figuras extraordinarias que, nas sessões da *Convenção*, traçavam com a sua palavra os destinos da França e do mundo.

Deputado, par do reino, ministro, conselheiro de Estado, embaixador, o conde do Casal Ribeiro deixa da sua vida pública as mais vivas e honrosas memorias. Escrevendo-se delle porém numa revista literaria, não será ociosa mais uma referencia ás suas qualidades de letrado, Contemporâneo e amigo de Herculano, Mendes Leal, Rebello da Silva e Latino Coelho, o seu gosto literário affirmou-se e encendrou-se na convivencia daquelles mestres, e dilatou-se em brilhantes manifestações, não simplesmente no discurso, senão tambem no opusculo e no jornalito.

Em confirmação d'este assêrto, poderiam fazer-se extractos das suas prosas, mais ou menos conhecidas do público que lê. Prefiro porém desentranhar da minha collecção de autógrafos um precioso inédito, que certamente mais apreciado será que uma simples republicação.

Esse inédito tem uma pequena historia, que, para completa intelligencia d'elle, não deverá omitir-se, embora eu tenha o desprazer de referir-me a mim próprio, quando a grande e luminosa individualidade de Casal Ribeiro nem preoccupa e domina.

Há uns dōze ou treze annos, quando eu ainda tinha a ingenuidade de crêr que um serviço evidente á instrucção popular e sempre bem acolhido dos dirigentes escolares e logra a boa sombra dos poderes públicos, observei que na escola primaria se impunha barbara e tolamete á leitura e análise das crianças prosas de Bernardes, Luis de Sousa, Vieira e de outros luminares do nosso periodo classico.

O contrasenso impressionou-me por fórma, que planeei e realizei uma selecta, constituida exclusivamente por escriptos modernos, isto é, não anteriores ao segundo quartel d'este seculo, e firmados pelos nossos contemporâneos mais distintos em letras. Desses escriptores, aos que já eram fallecidos á data do livro, consagraram-se pequenas biografias, escritas expressamente para a alludida selecta por Thomaz Ribeiro, Bolhão Pato, Mariano de Carvalho, Julio Machado, Santos Valente, conde de Sabugosa, Emygdio Navarro, Trindade Coelho, Vilhena Barbosa, Casal Ribeiro, etc.

O livro logrou hesongeira acceitação, foi approvado officialmente e teve duas edições; mas, a pouco trêcho, resurgiram os empreiteiros da bibliografia escolar, os governos continuaram na sua beatifica incuria em materias de instrucção, os inspectores editores proseguiram impunemente na propaganda e venda dos seus productos, e as *Prosas Modernas* estão hoje esquecidas.

Ora o fecho deste livro é uma brilhante biografia de Levy Maria Jordão, visconde de Paiva Manso, escrita pelo conde do Casal Ribeiro.

Quando Casal Ribeiro me enviou esse trabalho manuscripto, acompanhou o de uma carta, tão notavel por mais de um titulo, que, reproduzida neste lugar, constituirá verdadeira chave de oiro d'estas despretenciosas linhas, consagradas a tão querida e respeitada memoria.

Eis o alludido documento:

Pedroços, — Hotel Tejo,
24 de julho de 1884.

«Sr. C. de F.

«Vai a encomenda. Receio que farte e não satisfaça. V. incumbiu-me alguma coisa microscópica, como um insecto; saiu enorme como um mastodonte. Culpa do operário? Talvez. Mas culpa tambem de quem lhe foi batêr á porta da loja sem haver estudado as manhas do lojista.

«E' certo que não pude, nem soube, nem nunca acreditei que soubesse pintar Levy em um bilhete de visita. Não sou pintor; se o fôsse, nunca me daria o geito para miniaturista.

«Que se há de fazer agora, meu caro Figueiredo? Por onde cortar? Pelos resumidos juizos criticos? Então ficaria uma insonsa lista de livros, bons apenas para reclamo ou guia de livreiro. Pelos trechos citados do autor? Então que fica de bom? Como armar o critério próprio do leitor na apreciação do biografado?

«Hoje, que a moda scientifica e literaria manda prescindir da fé por obsoleta, não é raro fugir-se á regra fundamental do positivismo — o rigôr da

observação; nem tão pouco o é impôr-se o dogmatismo do autor á ingenuidade do leitor, fornecendo-lhe sem porquês sua opinião por preceito. Há infallibilidades no campo scientifico menos justificadas e mais autoritárias que a do Papa no terreno religioso.

«Valha-me Deus! Sem o querer, lá ia outra vez incorrêr no seu desagrado com este critério feito de velharias. Bem basta quanto d'elle se resente a noticia biográfica de Levy.

«Mas ahí nem chêgo a pedir desculpa. Pois que, honrando-me com o convite de collaboração no seu livro, decerto não pensou V. que eu abdicaria a minha tal ou qual individualidade, antes deu prova de larga tolerancia, que caracteriza os bons irgenhos, para com as opiniões sinceras, por mais avessas que sejam ás que se professam.

«Sou com muita consideração

De V.,
Casal.»

Depois d'este documento, que é de per si um perfil moral e literário, dêvo cessar a escrita, e concentrar-me na respeitosa saudade, que me faz curvar maguado diante do tumulo do venerando extinto.

Candido de Figueiredo.

Hospital de Santo Antonio para crianças

Toda Lisboa se lembra á de certo da quinta feira de ascensão de ha dois annos. Um dia de sol esplendente, como só o ha n'esta formosa península; um dia em que a população da cidade sahiu toda para a rua e, em alegres romarias, caminhando ou transportando se em uma multidão de carros, trahbordando de gente, se dirigia ao Campo Grande onde se dava a batalha das flores.

De todos os pontos da cidade e cercanias acudia ali gente; a que vinha em carruagens, *landaus*, caleches, *coupés*, de americano, de Jacintho, de *piratas*, em toda a especie de vehiculos, que todos se poszram em movimento n'aquelle dia; e iam e voltavam a buscar passageiros, n'um moto continuo do Rocio para o Campo Grande, correndo, voando por entre as abastidas de povo que enchia as ruas do trajecto a convergir no Arco do Cego, ou no Rego, e carros e gente a agglomerar-se no grande campo de batalha, que apezar da sua vastidão era pequeno para conter o melhor de cincoenta mil pessoas.

Lisboa despovoara-se; quem quizesse vêr os seus habitantes tinha que ir a batalha das flores.

A multidão já não podia romper alem do Campo Pequeno. Toda a extensão que ia d'este ao Campo Grande estava atulhada de gente. Os diferentes carros postados em filas dobradas e treplicas á volta do Campo, prolongavam-se pela estrada e vinham encher o Campo Pequeno; e tudo se agitava; um movimento enorme da população, ondulante e collorida, no variegado matiz dos seus trajes. Garas de mulheres bonitas, faces rosadas, afogueadas pelo calor; cabeças loiras de crianças a erguerem-se nos braços das mães; uma atmosphera de vida e de alegria communicativa, expansiva a irradiar em ondas sonoras sussurrantes de milhares de vozes; os que conversavam, os que comentavam, os que se queixavam da multidão que os affrontava, os que chamavam pelos filhos, pela mulher, os que cantavam, os que riam, os que apregoavam limonadas, agua fresca, pastelinhos, os contratadores de bilhetes e os vendedores de jornaes, os cocheiros que gritavam para o povo se afastar e os policias, estafados, derreados que abriam, pela centessima vez, alas para os trens passarem.

Que bulicio, que confusão, que vida!

E vem chegando as equipagens ricas, adornadas de flores: *mylords* envoltos em rozas, *landaus* cobertos de geranios, *vitorias* revestidas de hera e malmequeres, *phaetons* guarnecidos de lilazes, acacias e de entre estes canteiros ambulantes de flores, outras flores não menos bellas a dominarem: a mocidade e a belleza.

São as damas sorridentes que ali vem dar batalha armadas de *bouquets* e de *bombons*; são as meninas alegres como a sua mocidade, frescas como as suas *tilletex* finas de cor de auroras, que fazem a festa, a festa das flores, no mez das rozas, em que os campos se alcatifam de malmequeres e papoulas como topazios e rubins e as serras se cobrem de giestas; em quinta feira da ascensão em que se vac colher raminhos aos trigaeos e os passaritos chilriam em volta dos ninhos os seus cantos, por ventura, mais festivos.

No ceu e na terra tudo em festa! No ceu ondas de luz intensa; a terra coberta de flores:—quinta feira da ascensão!

Que dia aquelle!

Lembram-se?!

Foi n'esse dia que se deu a batalha, a mais festiva, a mais ruidosa, a mais alegre, a mais popular que se tem feito em Lisboa.

O scrumbatico Campo Grande, uma das melhores coisas da cidade e a mais mal aproveitada que tem, transformou-se n'aquelle dia n'um campo de festa.

Aquellas arvores seculares não se recordam de terem abrigado tão grande multidão nem de terem sido testemunhas de tão luzido cortejo.

Recordações tristes tem ellas que não lembraremos ago-a, de batalha que não foi de flores!

O povo apinhava se em compactas alas pelas ruas á sombra dos arvoredos. O sol entrava por entre a romaria salpicando de luz o campo.

Pincipia o combate. Uma fila interminavel de trens percorre as aleas conduzindo os batalhadores; braços esculpturaes agitavam-se no ar e mãos pequeninas arremessavam raminhos de flores que eram disputados com ardor pelo publico.

Entre os contendores crusavam-se as rosas, os jasmims, os malmequeres, os cravos, os lyrios, as violetas rescentes de perfume; e vinham os cavalleiros, os rapazes que eram os mais alvejados pelos innocensivos projecteis despedidos por mãos fimmimas, juvenis, acariciadoras das meninas e das damas, de quem era a festa.

E logo passavam os *landaus* com as rainhas e a batalha redobrava de intensidade; os seus *bouquets* e os seus *bombons* eram disputados com mais enthusiasmo; era uma graça o colher uma flor lançada pelas regias mãos; uma recordação que se trazia da batalha com prazer, que se mostrava com orgulho, que se guardava e ficava para memoria.

A realeza confraternisava com o povo. Como era grato ao burguez, ao commerciante, ao operario, ao filho do povo ter a fortuna de apanhar e trazer uma flor que a rainha lhe atirava. E todos os rostos se alegravam com um sorriso mais aberto; os labios desserravam-se em gritos de applausos e resoavam as palmas no auge do combate.

O sol descia já no horisonte, mas o enthusiasmo não arrefecia, e quando em retirada os contendores despediam os ultimos projecteis da sua farta reserva, o povo corria atraz das carruagens, risonho, alegre a apanhar uma ou outra flor que ainda restava.

Que festa!

Quem teve o raro condão de alegrar uma cidade inteira? De mover a sua população apathica e triste? De a animar, de lhe dar vida? De a interessar n'uma festa que afinal se tornou de todos, porque todos a fizeram, todos n'ella folgaram, todos se divertiram?

Foram os anjos do bem que se poszram em campo contra os anjos do mal.

Tantas crianças para quem a sorte é tão cruel que até lhe nega a saúde, mal envoltas ainda nas faldas infantis, que são, muitas vezes, como crépes de luto pelos paes que as abandonaram, victimas da miseria, expiadoras innocentes de males que outros fizeram, não haviam de ter mão amiga que as acalantasse, que as protegesse, que as regenerasse?!

Tiveram!

Almas generosas, boas, que do regaço da opulencia, olharam e viram os miseros infantes que se finavam nos antros da desgraça.

E porque não lhe havemos de valer, disseram. Porque não havemos de encaminhar estes regatinhos perdidos, para o grande caudal que fertiliza os campos, que edifica as cidades, que aproveita as aptidões, que enriquece as familias: — a Civilisação, o Progresso.

Porque se não de perder estes obreirosinhos da grande obra do Bem. Pequeninos seres que a fatalidade arremessou para o berço infecto, doentio, onde seus paes mal se criaram tambem para lhe legar tão miseravel patrimonio.

Sanemos o mal na sua origem; curemos as chagas phisicas e cicatrizemos as pustulas moraes; cuidemos d'elle como cuidaram de nós, e esse bando de crianças amemicas, enfezadas, sem saúde e sem educação, será uma phalange util, lavada do espirito e do corpo, que dará salutareos exemplos de honestidade e de trabalho que, no dizer do poeta: «é virtude, é riqueza, é amor.»

E um grupo de meninas da alta sociedade se uniu para levar á pratica esta obra do bem. Caridade divina e santa que floresceu espontanea n'aquelles corações bons, tão espontanea como as florinhas do campo, que nos enlevam com a sua innocente simplicidade.



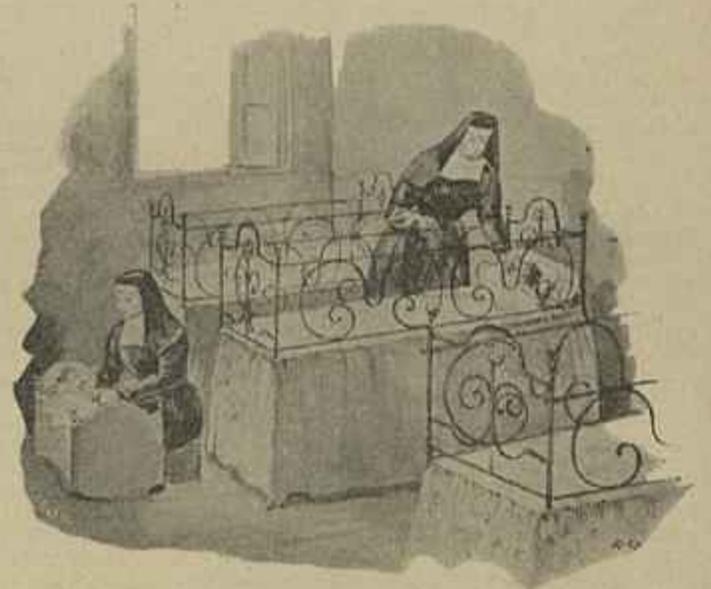
VISTA EXTERIOR DO HOSPITAL



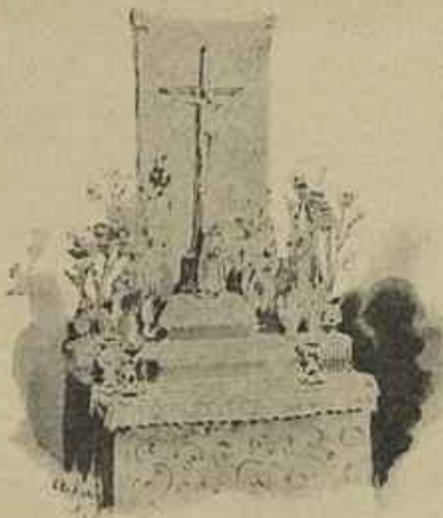
A CONSULTA MEDICA



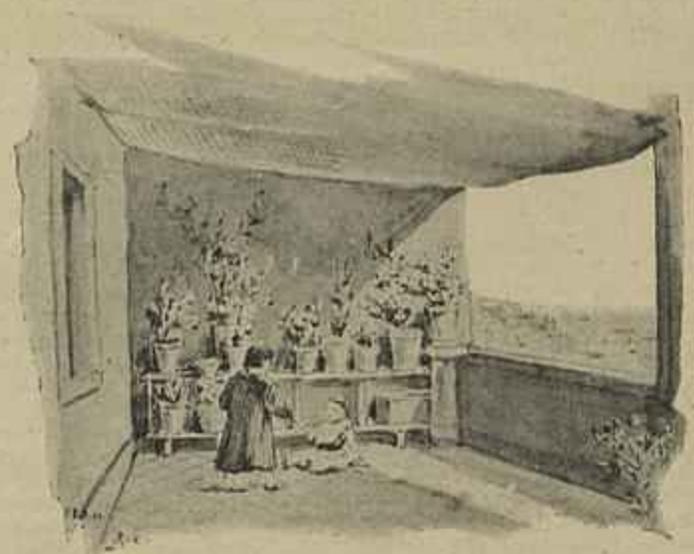
O REFEITORIO



A ENFERMARIA



O ORATORIO



O RECREIO

HOSPITAL DE SANTO ANTONIO PARA CRIANÇAS

(Desenhos do ar. Christino da Silva)

E as flores foram buscar o bálsamo salutar para curar as criancinhas, outras flores também que se finavam á mingua da agua crystallina que chora na rocha como lagrimas da natureza.

E a sua obra foi abençoada! As flores tornaram-se em fructos, como no regaço da Rainha Santa as rozas se transformaram em pão. O bom povo correu ao seu appello; deu-lhes alegre e espontaneo o seu obulo, e Lisboa tem hoje um hospitalinho para crianças pobres, só para as pobretas, pequenino como ellas, que para mais não chegou ainda, mas em que sobram as dedicações, desde o medico, sr. dr. Feijão, que caridoso e gratuitamente ali vae todos os dias vêr os pobres doentinhos, até á irmã Perpetua, — uma santa, que

Uma vez visitámos o Asylo das Irmãs das Pobres e vimos a lavanderia onde uma irmãsinha tinha a seu cargo lavar a roupa de quasi 200 asylados!

— Mas como pôde irmã, com tanto trabalho?
— Muito bem, meu senhor, tenho ali aquelle que me ajuda, respondeu risonha apontando para uma imageminha de Santo Antonio, que estava na parede com dois raminhos de flores colhidas na cerca.

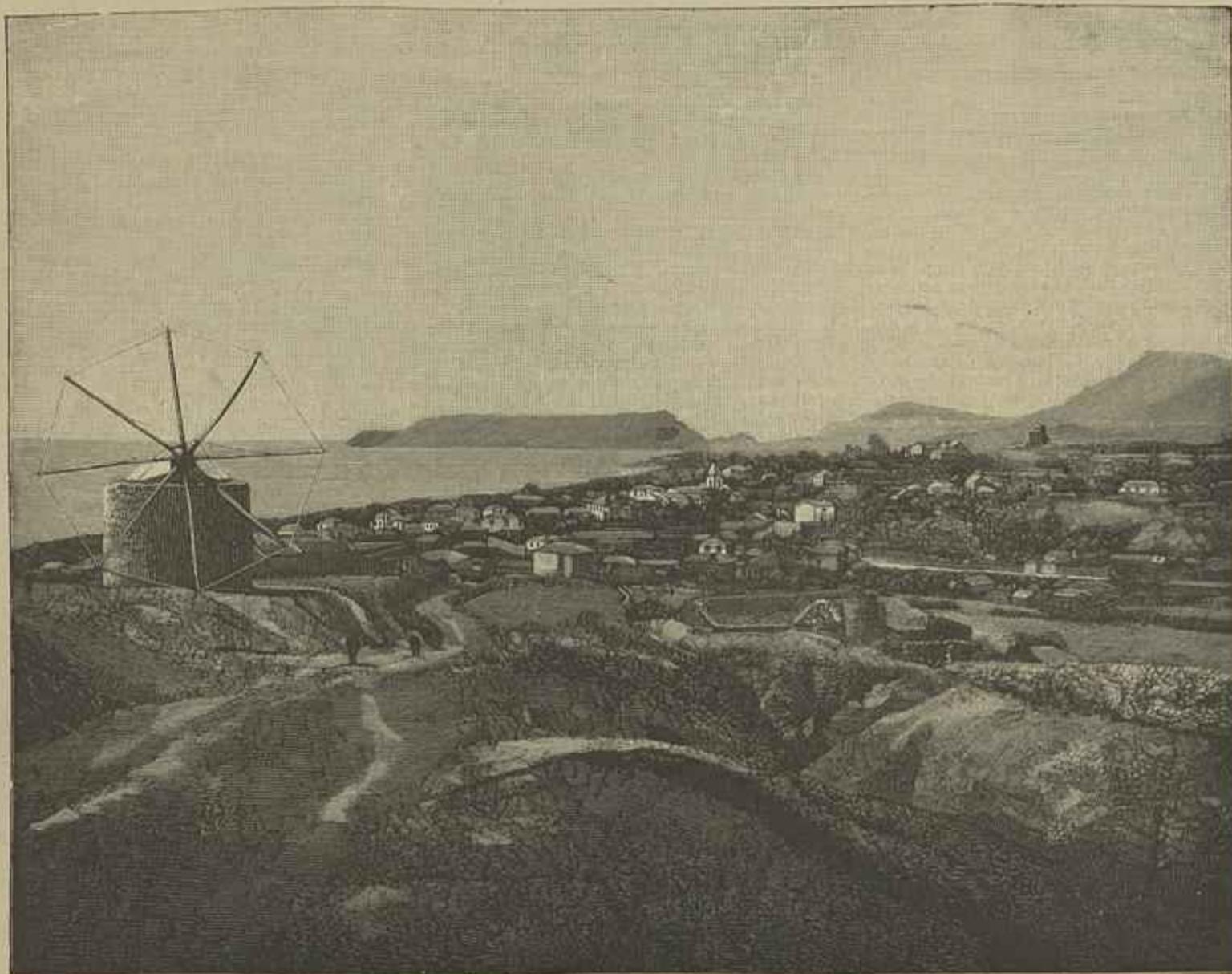
Milagres de Santo Antonio, que também é o patrono do hospital das crianças!

Caetano Alberto.

em pequenas ribeiras, é arenoso e secco não deixando de ser em alguns pontos fertil.

É abundantissimo em caça e entre varias especies encontram-se os pombos bravos, perdizes e coelhos dos quaes se conta que, tendo os descobridores deixado, quando partiram, uma coelha com crias nascidas durante a viagem, no anno de 1419, quando voltaram para colonisar, os coelhos se haviam multiplicado por tal forma que os colonos esmoreceram e retiraram desanimados attendendo aos estragos que tal flagello lhes causava não deixando que se creasse uma unica sementeira.

Neste anno, isto é, o anno seguinte ao do descobrimento depois de estarem na ilha de Porto



ARCHIPELAGO DA MADEIRA — ILHA DE PORTO SANTO

(Copia de uma photographia)

por ellas veia noite e dia com outra companheira.

O juro do capital mal chega ao costeiro, que para a fundação muitas pessoas contribuíram com moveis, roupas e haixela; mas que importa se a Providencia ha de velar por esta util instituição, se o grupo de meninas se cotiza e administra escrupulosamente o pequeno patrimonio, que Deus accrescentará como no deserto multiplicou os pães e nas bodas de Caná transformou a agua em vinho.

O hospitalinho lá está, na rua da Santissima Trindade, modesto, sem alarde, como as suas instituidoras. As caminhas nunca estão vagas, os berços sempre occupados. As criancinhas que para lá teem entrado anemicas, mirradas, immundas, transformam-se como por encanto. Voltam á vida, nédias, rozadas, alegres, que nem as proprias mães quasi as conhecem. Se algumas até lá as teem deixado!



AS NOSSAS GRAVURAS

ILHA DE PORTO SANTO

Esta ilha descoberta em 1418 por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz, faz parte do archipelago da Madeira e é de configuração triangular, accidentada por varios montes: o Branco, o da Fachada, do Rochedo, do Consul da Juniana do Castello, Pico de Anna Ferreira e do Facho, o mais alto, a 554 metros acima do nivel do mar.

A povoação de Porto Santo, é na costa sul da ilha onde existe o melhor porto.

O solo, falto de agua, que apenas se encontra

Santo seguiram em busca de novas terras descobrindo então a Ilha da Madeira, em tão boas condições de fertilidade e clima que abandonaram completamente aquella e dividiram esta entre si.

El-rei vendo o abandono a que tinham votado a Ilha de Porto Santo fez d'ella doacção por carta regia á Bartholomeu Perestrello, que apesar de ter empregado todos os seus esforços e toda a sua fortuna morreu sem ter tirado resultado algum pois que a natureza do terreno a isso se negava.

Era Bartholomeu Perestrello casado com D. Izabel Moniz que depois da sua morte se retirou para Machico¹ para casa de seu pae Vasco Martim Moniz acompanhada de Bartholomeu e D. Fillipa seus filhos. Passados cinco annos o filho de Bartholomeu Perestrello ao voltar de uma viagem á Africa intentou uma demanda a Pedro Corrêa que havia comprado a capitania da Ilha de Porto San-

¹ Nome que n'essa era se dava á Ilha da Madeira.

to, sendo a 15 de março de 1423 por despacho de Sua Magestade Fidelíssima, reintegrado na posse da capitania voltando outra vez para Africa.

Foi n'esta ilha que nasceu D. Filipa Moniz de Mello filha de Bartholomeu Perestrello, e que depois veio a casar com Christovão Colombo quando na Ilha da Madeira esteve de passagem para Portugal.

COLOMBINA

E' este o nome do gracioso busto que a nossa gravura reproduz.

Obra do escultor Campeny, já celebre pelas suas produções, como o grupo intitulado o *Escândalo*, em que figura uma mulher, ou antes uma bachante cavalgando um rucinate bravo, distingue-se pela belleza e originalidade.

Todos desejariam ter um busto assim na sua galeria, na sua sala ou no seu gabinete de trabalho, para comprazer o espirito na contemplação d'esta obra d'arte, que para ser animada só lhe falta o mover-se e fallar.

O GRANDE BAZAR DE CONSTANTINOPLA

(Continuado do numero antecedente)

Os mercadores musulmanos apresentam um campo de observação completamente diverso. Ainda entre elles se encontram aquelles velhos turcos, hoje rarissimos nas ruas de Constantinopla, que são como que as personalisações do tempo dos Mahomets e dos Bajazets, os restos vivos do velho edificio ottomano, que principiou a desmoronar-se com as reformas de Mahmut, e que dia a dia, pedra a pedra, se arruina e se transforma. Precisa a gente de vir ao grande bazar e de cravar os olhos no fundo das lojinhas mais escuras das ruas mais apartadas para encontrar os velhos turbantes enormes do tempo de Solimão, em forma de cupulas de mesquitas; os rostos impassiveis, os olhos vitreos, os narizes aduncos, as longas barbas brancas, os antigos aduncos cor de laranja e de purpura, as grandes calças de mil prégas apertadas a cinta pelas taxas desmesuradas, as attitudes altivas e tristes do antigo povo dominador, os rostos embrutecidos pelo opio ou iluminados pelo sentimento da sua fé ardente. Esses ani estão no fundo dos seus nichos, de braços e de pernas cruzadas, immoveis e graves como uns idolos, e esperam, sem abrir a bocca, os predestinados compradores. Se as coisas vão bem, murmuram: — *Mach Allah!* — Deus seja louvado! — Se vão mal: *Olsun!* Assim seja! e inclinam a cabeça com resignação. Alguns lêem o Koran, outros esbrogam nos dedos as contas dos rosarios, murmurando, sem dar attenção ao que dizem, os cem epithetos de Allah; outros que fizeram bom negocio, bebem o seu *narghileh*, para nos servirmos da expressão turca, girando em torno lentamente com o seu olhar voluptuoso e cheio de somno; outros estão curvos com os olhos semi-cerrados e com a fronte enrugada como que absortos em profundos pensamentos. Em que pensam? Talvez nos seus filhos mortos debaixo dos muros de Sebastopol ou nas suas caravanas dispersas ou nas suas voluptuosidades perdidas, ou nos jardins eternos, promettidos pelo Propheta, onde, á sombra das palmeiras e das romanzeiras, desposarão as virgens dos olhos negros, que nunca foram profanadas nem por um homem nem por um genio. Todos têm o seu que de extravagante, são todos pittorescos; cada loja é a moldura de um quadro que nos faz passar diante da mente a historia inteira de uma vida aventureira e phantastica. Este homem secco e bronzeado, de lineamentos audazes, é um arabe que trouxe elle proprio do fundo da sua patria longinqua os seus camellos carregados de pedras preciosas e de alabastro, e muitas vezes ouviu assobiarem-lhe aos ouvidos as balas dos ladrões do deserto. Aquell'outro de turbante amarello e de aspecto senhoril atravessou a cavallo as solidões da Syria, trazendo as sedas de Tyro e de Sidonia. Aquelle negro com a cabeça enrolada n'um velho chaile da Persia que tem a testa sulcada de cicatrizes que os nigromantes lhe fizeram para o salvarem da morte, que esta de rosto erguido e como se olhasse ainda para os capiteis das columnas de Thebas ou para os vertices das Pyramides, veio da Nubia. Aquelle bello mouro, de rosto pallido e de olhos negros, envolto n'uma capa branquissima, trouxe os seus *cates* e os seus tapetes das faldas mais occidentaes da cordilheira do Atlas. Este turco, de turbante verde e de rosto escavacado, fez este anno mesmo a grande romaria, viu parentes e amigos morrerem de sede no meio das planuras interminaveis da Asia

menor, chegou a Meca quasi expirante, deu sete vezes de rastos o giro á roda da Kaaba, e cahiu em deliquio cobrindo de beijos furiosos a Pedra Negra. Aquelle colosso, de rosto branco, de sobranceiras arqueadas, de olhos fulmineos, que parece mais um guerreiro que um mercador, e respira todo elle ambição e orgulho, trouxe as suas pelissas das regiões septentrionaes do Caucaso, onde, nos seus annos floridos, fez cahir a cabeça dos hombros a mais de um Cossaco. E este pobre mercador de lã, de rosto chato, de olhos pequenos e obliquos, membrado e rude como um athleta, não ha muito que disse as suas orações á sombra da immensa cupula, que protege o sepulchro de Timur; partiu de Samarkanda; perlustrou os desertos da grande Bukharia, passou por meio das hordas dos turcomanos, atravessou o mar Patrio, fugio ás balas dos circassianos, deu graças a Allah nas mesquitas de Trebizonda, e veio buscar fortuna a Stambul, d'onde voltará, quando for velho, para o fundo da sua Tartaria, que tem sempre no coração.

Um dos bazares mais esplendidos é o bazar do calçado, e é elle tambem um dos que estonteiam mais a cabeça dos visitantes. São duas filas de lojas resplandecentes que dão á rua o aspecto de uma sala de paço, ou de um d'aquelles jardins das lendas arabes onde as arvores têm folhas de ouro e flores de perolas. Ha ali com que calçar todos os pésinhos de todas as côrtes da Asia e da Europa. As paredes estão cobertas de pantufos de veludo, de pelles, de brocado de setim, das côres mais petulantes e das formas mais caprichosas, ornados de filigrana, debruados de lustrina, embelezados com tufo de seda e de pennas de cygne, estrellados e enflorados a prata e ouro, cobertos de intrincados arabescos que nem deixam ver o tecido, e relampejantes com saphyres e esmeraldas. Ha-os para as mulheres dos barqueiros e para as favoritas do Sultão, que custam ou cinco francos ou cinco mil francos o par (ou 900 réis ou 900000 réis) ali se vêem os carpins de cordão que não-de pizar as pedras das calçadas de Pera, e as babuchas que se não-de arrastar pelos tapetes do harem, as sandalias que farão ressoar os marmores dos banhos imperiaes, e as chinellinhas de setim branco que serão apertadas pelos labios ardentes do Pacha, e talvez algum par de pantufos imperiaes que todas as manhãs esperarão o despertar de alguma formosa Georgiana ao lado do leito do Grão-Senhor. Mas que pés podem entrar n'aquellas babuchas? Ha algumas que parecem feitas para pés das huris e das fadas: do comprimento de uma folha de lyrio, e da largura de uma folha de rosa, de uma pequenez que seria o desespero de toda a Andaluza, de uma gentileza que faz sonhar quem as vê; não são babuchas, são umas joias para se terem em cima da meza; caixinhas para se metterem doces e bilhetinhos amorosos; de se não poder imaginar que haja um pézinho que ali entre, sem se desejar estar um mez todo a revolver-o nas mãos, enchendo-o de pedidos e de caricias. Este bazar é um dos mais frequentados pelos estrangeiros. Ali se vêem muitas vezes rapazes europeus, que trazem n'um pedacinho de papel a medida de um pézinho italiano ou francez, de que muito se orgulham, e que fazem um gesto de assombro e de despeito reconhecendo que excede muito o comprimento de uma certa babuchinha em que tinham posto os olhos; e outros que, tendo perguntado o preço, e tendo ouvido uma enormidade, se retiram sem responder uma palavra. Aqui tambem se accumulam as senhoras musulmanas, as *hanum* dos grandes véus brancos, e muitas vezes acontece collier-se de passagem algum fragmento dos seus longos dialogos com os vendedores, alguma palavra harmoniosa da sua bella lingua, pronunciada por uma voz suave e clara que acaricia o ouvido, como o som de um bandolim. — *Bani catscia vererxi?* — Quanto vale isto? — *Pahalli dir.* — É muito caro. — *Ziadé veremen.* — Não pago mais. E depois uma risada infantil e sonora, que dá vontade de se lhe agarrar um pedacinho da face, e chamar-se-lhe garota.

O bazar mais rico e mais pittoresco é o das armas. Não é um bazar é um muzeu a trasbordar de thesouros, cheio de memorias e de imagens que transportam o pensamento para as regiões da historia e da lenda, e inspiram um sentimento indescrivivel de assombro e de terror. Todas as armas ainda as mais estranhas, mais pavorosas e mais ferozes que se brandiram desde Meca até ao Danubio em defeza do Islam, ali estão alinhadas e polidas, como se pouco antes as tivessem pendurado as mãos dos phanaticos soldados de Mahomet e de Selim, e parece que se vêem scintillar entre as suas laminas os olhos injectados de sangue d'aquelles sultões formidaveis, d'aquelles janizaros diabolicos, d'aquelles spahis, d'aquelles

azab, d'aquelles sildar sem piedade e sem medo que semearam a Asia Menor e a Europa de cabeças cortadas e de corpos dilacerados. Ali se encontram as cimitarras famosas que partiam as pennas no ar, e cortavam as orelhas aos embaixadores insolentes; os kandjars pesados que de um golpe fendiam os craneos e punham os corações a descoberto; as maças de armas que triturravam e desfaziam em pó os capacetes servios e hungaros; os yatagans de punho tauxiado de marfim e marchetado de amethystas e de rubis que ainda conservam marcado com riscos o numero de cabeças cortadas; os punhaes com bainhas de prata, de veludo e de setim, com os cabos de agatha, e de marfim, ornados de granadas, de coraes e de turquezas, esmaltados com versiculos do Koran em letras de ouro, com as laminas recurvas e retorcidas que parece que procuram um coração. Quem sabe se n'esta armaria confusa e terrivel não estará á cimitarra de Orkhan, o alfange de pau com que o braço potente de Abd-el-Murad, o derviche guerreiro, arrancava de um golpe as cabeças; ou o famoso yatagan com que o sultão Musa rachou Hassan dos hombros ao coração; ou o enorme alfange do gigantesco bulgaro que encostou a primeira escada aos muros de Constantinopla; ou a massa com que Mahomet II esmagou o soldado rapinador debaixo das abobadas de Santa Sophia; ou o grande alfange adamascado de Scanderberg que rachou de meio a meio Firuz-Pachá debaixo dos muros de Stenigrad? Occorrem á mente os mais formidaveis golpes e as mais horrendas mortes da historia ottomana, e parece que n'aquellas mesmas laminas deve estar ainda conservado esse sangue, e que os velhos turcos encafuados nas lojas, colheram armas e cadaveres no terreno da matança e guardam ainda os esqueletos esfrangalhados n'algum canto escuro. Vêem-se tambem as grandes sellas de veludo escarlate e azul celeste, recamadas de estrelas e de meialuas de ouro e de perolas as testeeiras emplumadas, os freios de prata, e as gualdrapas esplendidas como uns mantos regios, arreios de cavallos das *Mil* e uma noites feitos para a entrada triumphal de um rei dos genios n'uma cidade doirada do mundo dos sonhos. Por cima d'estes thesouros, estão penduradas das paredes mosqueadas de roda e de murrão, grandes pistolas albanezas, compridissimas espingardas arabes lavradas como umas joias, escudos antigos de tartaruga e de pelles de hippopotamo, cotas de malha circassianas, escudos cossacos, elmos mongolicos, arcos turquescos, cutelos de algoz, folhas de formas sinistras, cada uma das quaes parece a revelação de um delicto, e faz pensar nos espasmos de uma agonia. No meio d'este apparato ameaçador e magnifico sentem-se de pernas cruzadas os mercadores mais francamente turcos do Grande Bazar, a maior parte velhos, de tetrico aspecto, macilentos como uns anachoretas, soberbos como uns sultões, phisionomias de outros seculos, vestigios das primeiras hegiras que parecem resuscitados do sepulchro para chamarem de novo os abastardeados netos á austeridade da antiga raça.

(Continúa)

E. de Amicis.

PORTUGAL EM 1760

Cartas Familiares
de José Barretti, traduzidas do italiano

XII

Lisboa, 12 de setembro de 1760.

A jornada de hoje foi tão boa que já nem me lembro d'aquella cama dura como pedra em que fiquei hontem á noite, tanto mais que hoje terei um bom leito para restaurar o corpo. O mundo é assim! Alguns pesares, alguns gosos! Os bens entremeados com os males, males com bens. O mesmo dizem todos os sabios, dizem o mesmo todos os ignorantes, e todos dizem como está dito. Mas, não nos percamos nas notas, porque ainda falta muito do texto. O palacio e o real convento de Mafra que tenham paciencia, porque a phantasia preenhe de cousas infinitamente grandes, mas infinitamente mais pequenas, nega-se a descrevel-o, e quer que eu a ajude primeiro a desembaraçar-se d'aquillo que a deleitou hoje. Esta manhã, pois, eu, o sr. Eduardo, o nosso velho hospedeiro e o nosso príncipe Africano, isto é, o preto do Senegal, nosso caleceiro, puzemo-nos cada um a cavallo no nosso respectivo burrinho, e começamos a subir a ingreme encosta de um monte, do feitio de um pão de assucar. Ao cabo de duas

horas chegamos ao seu mais alto vertice, apeiamos-nos das orelhudas cavalgaduras, e entramos n'um pequeno convento habitado por quatro ou cinco religiosos jerónimos, que nos receberam com muita bondade. Depois de nos haverem introduzido na sua igreja para render graças a Deus pela boa viagem, deram-nos as boas vindas com um copinho de vinho branco, uma fatia de pão para cada um, e uma dúzia de figos, que por pouco se lhes não comeu também a casca, tão bons eram! Em seguida mostraram-nos o resto do convento, que teria capacidade para mais cinco ou seis padres, se o terremoto não lhe houvesse aluído uma parte. O cume do monte forma um pateo ladrilhado de azulejos azues e brancos, em xadrez, dispostos de maneira que a água da chuva caia n'uma cisterna subjacente ao pateo, em volta do qual está o claustro com os muros também incrustados d'aquelles azulejos. Das janellas dos frades a vista espraia-se livremente por um tracto de terreno muito extenso e, pela maior parte, composto de montanhas muito aridas, e cobertas, aqui e além, de penedos tão grandes como casas. Comtudo, na proximidade do convento, entre essa grande penedia, os bons frades teem amanhado alguns pedaços de terreno pequenos, que lhes dão salada e alguns legumes. Não teem fructos, porque as Neves muito frequentes n'aquella eminencia dão cabo de todos os figos, uvas, melões e outros productos semelhantes, pelo que são obrigados a mandal-os buscar aqui a Cintra. Do que elles teem alguma fartura é de milho da Índia ou grão turco, como outros chamam a este grão, e com elle sustentam muitas gallinhas para seu uso, e uma vez por outra fazem com elle bolos que, em caso de necessidade, lhes servem de pão. Todo o edificio é rodeado de penhas inacessíveis, excepto de um lado; e, como a igreja e o convento foram desde os alicerces construídos de boa cantaria, que se uniu e incorporou com a rocha, na qual em parte se apoiam, nenhum dos frades soffreu pessoalmente com o terremoto, que apenas damnificou um pouco um claustro superior e só deitou abaixo uns aposentos destinados ao alojamento das pessoas que se comprazem de visitar aquella romantica estancia. Todos os pavimentos e o tecto da capella, porém, soffreram muito, mas os prejuizos ligeiros foram logo remediados. *Nossa Senhora da Pena* é o nome do lugar. Visto e revisto tudo, dada uma pequena esmola a Nossa Senhora, e os agradecimentos aos padres, tomámos um guia para nos conduzir a um outro monte, que dista tres milhas d'este, onde chegámos atravessando uma região muito pedregosa, pela maior parte coberta de tantas e tão diversas plantas silvestres, que tenho pena de não ser botânico para vos poder dizer alguma coisa d'ellas; e em alguns pequenos valles encontrámos também muitos pinheiros de altura mediana que ostentam uma lindissima verdura no meio d'aquelles penhascos. Quem não gostou de tal verdura foram os nossos burros, porque o caminho allí é asperissimo, sendo necessario segurar-os bem pelos cabrestos e andar com todo o cuidado para não cahir dos rochedos abaixo e por entre os innumeraveis arbustos espinhosos que medram n'aquelles desertos. Passadas duas horas, chegámos ao cimo de um outro monte, denominado a *Serra de Cintra*, o mesmo cabo da *Roca (Rock of Lisbon)*, de que n'outra carta fiz menção, e cuja vista me custou alguma generosidade com os marinheiros para evitar um par de mergulhos no Oceano. N'aquellas alturas a natureza esmerou-se em abrir tantas covas na pedra, que, auxiliadas um pouco pela arte, se tornaram o mais belloermo que a imaginação possa formar; e bem quizera eu a penna de Ariosto ou o pincel do meu Zuccarelli para render a devida homenagem ao sitio mais singular que ha em todo o orbe. Começa a maravilha logo que a gente se apeia do burro, porque dois enormes penedos, cobertos de basto e verde musgo, formam aqui uma especie de arco muito em contrario dos preceitos architectonicos do Vignola, mas que serve comtudo de entrada do ermo, para o qual, por outra via, só as aves podem ter accesso. Subidos alguns toscos degraus, os padres que nos tinham lóbrigado ao longe, deram nos as boas vindas a sua casa, perguntando nos se havíamos juntado, ao que respondi negativamente, e logo mandaram preparar um jantarito, do qual em breve direi; e, enquanto se aprromptou o jantar, conduziram-nos a uma especie de pateo, no fim do qual ha uma grande cova aberta na rocha, onde puzeram um adorno de conchas e busios em torno de uma imagem da Magdalena representada a dormir. Por uma abertura que ha do lado esquerdo d'esta cova da Magdalena, entramos n'outra que é a sua igreja, e depois n'outra que é a sua sacristia, e ainda n'outra que é o seu dormi-

torio, a um canto do qual estão outros buracos quadrangulares onde a custo pode entrar uma pessoa de mediana grossura; por esses buracos se penetra nas cellas, que são igualmente outros tantos buracos, em que os frades teem os seus catres, tão pequenos que só encolhidos lá podem caber; e estas cellas teem defronte des portas uns buracos que servem de janellas. Uma cova é também o refeitório, e n'elle está a sua bibliotheca, muito inferior á Bodleyana de Oxford e á Vaticana de Roma, porquanto os livros que elles possuem não chegam a dez, e no meio do refeitório ha uma pedra toda massiça, que serve de meza aos padres, quando o mau tempo não lhes permite comer no pateo já referido. Outra cova serve de confessorio e de casa de penitencia. Depois de termos observado todas essas covas e buracos, levaram-nos a outra chamada a cosinha. É possível que um cosinheiro francez não se contentasse com ella, mas os frades estão satisfeitos. Todas essas covas, como disse, foram obra da caprichosa natureza; e, por mais que se olhe para as pedras, apenas se vê, aqui e allí, algum signal de picareta. Aquelle ermo quasi que não deve á arte senão alguns murosinhos, que ora dividiram, ora limitaram certas partes d'essas covas, onde houve necessidade de o fazer para maior commodidade dos seus habitantes. Outra coisa muito singular allí se nota, e é que o pavimento, os tectos, as escadas e parte dos muros, tudo é forrado de cortiça, e até os pratos em que comemos no refeitório são de cortiça, e d'esta igualmente é fabricada a maior parte dos seus moveis e utensilios; e por isso teem razão até certo ponto os marinheiros inglezes que chamam a este ermo *The cork convent*, isto é, *O convento de cortiça*. Uma boa razão me deram os frades do muito uso que fazem de cortiça em sua casa, e vem a ser a humidade continua do lugar; pois, se não se lhe desse remedio com a cortiça, não haveria modo de morar allí. E, com effeito, a agua verte e gotteja de toda a parte das penhas, que estão todas cobertas de musgo, como aquellas duas de que já falei, que formam aquella passagem em arco, por elles denominada a porta do ermo. Depois de termos andado por todas aquellas covas, e observado tudo, os padres me levaram para o ar livre; e é uma grande consolação ver o seu jardim e as ruas em escada, que teem em redor do seu mosteiro, todas flanqueadas de arvores muito frondosas; e, tendo descido muitos degraus, mostraram-me outra cova subterranea, feita somente pela natureza, pois dentro d'aquella, segundo consta de uma lapide, um dos seus irmãos no xvi seculo teve a coragem de acabar os seus dias, depois de ter passado allí mais de vinte annos da sua vida, durante os quaes não teve sequer uma vez só o conforto de estar direito em pé ou deitado ao comprido no chão, porque o tecto da cova é tão baixo, e o fundo tão estreito, que um homem de estatura regular carece de estar todo curvado para caber lá dentro. Grandes cousas fizeram alguns homens firmemente resoltivos a ganharem o céu! A pequena distancia de allí se vê uma fonte de agua viva, da mais pura, e mais abaixo umas hortasinhas, onde se cultivam ervas e legumes em tão grande abundancia que chegam para abastecer o convento todo o anno. Para fazer aquellas hortasinhas foi mister em muitos lugares chegar á pedra, e em muitos outros quebral-a e tiral-a para fora d'alli a mão; mas, como os poucos religiosos desde o guardião até o moço da cosinha são todos jardineiros e hortelãos, fez-se tudo bem, e as hortasinhas, assim como o jardim, são tão formosos e alegres que não devem ter inveja aos das Hesperides, porque nunca lhes faltam cavadores nem agua, que corre em abundancia da fresquissima fonte já mencionada. Em summa, não é possível imaginar-se mais admiravel ajuntamento de pedras, grutas, hortas, e pequenos bosques de grandes e suavissimas sombras. E ao infinito encanto d'aquella solidão junte-se uma perspectiva de todos os lados para onde os olhos esparecem, porque lá de cima se descobre uma grande extensão do Oceano e parte das fortalezas que estão na foz do Tejo, as torres do real convento de Mafra, choupanas, casas, aldeias, quintas e cadeias sem fim de montes e de collinas, em parte cobertas nas faldas de laranjas, limões e outros pomos, oliveiras e vinhas magnificas, e em parte de cerrões arredondados e cobertos pela sombra de esbeltos e frondosissimos pinheiros. Depois de termos visitado minuciosamente todos os cantos d'essa mansão encantada, os padres levaram-nos áquelle pateo de que vos falei no principio, e lá, sobre uma pedra cortada em forma de mesa, com um muro pequeno em volta, que serve de assentos, estava posto o nosso jantarito, que constava de salada á discreção, de um prato de peixe temperado á moda portugueza, de um bocado de queijo flamengo, pecegos, mel,

peras, uvas, figos e pão, tudo com abundancia, e um garraão de vinho branco muito bom. Allí nos sentámos e comemos com um appetite extraordinario, palestrando agradavelmente sobre muitas cousas com os padres, que a mim e ao meu companheiro quizeram cortezmente fazer de creados de mesa, animando-nos com muito bom modo a repetir as comidas e os copos, com uma doçura, um extremo e uma hospitalidade muito de captivar. E, por serem franciscanos, não ha modo de retribuir com dinheiro o seu bom tratamento; comtudo, a referida Magdalena dorme, e não se offende se alguém lhe deixar ao pé alguma moeda. E, se ella desse por isso e rejeitasse uma esmola, como haveriam os bons padres de arranjar todas essas vitialhas que diariamente são apresentadas a tanto povo que os vae visitar á sua morada, onde o appetite é também de casa? Chegada a hora de partirmos nos nossos burrinhos, despedimos-nos d'aquelles vinte religiosos, desejando lhes todo o contentamento possível n'esse seu convento, deserto, ermiterio, pardicero, coelheira, ou como lhe queiram chamar. Ao pôr do sol aqui chegámos, e, para não perder tempo nem deixar arrefecer a phantasia, puz-me a rabiscar esta descripção, porque estou certo de que jámais encontrarei sitio mais aprazível e mais poetico para descrever com palavras. Outras cousas, tanto de Cintra como de Mafra, vos mandarei amanhã á noite. Por esta noite já é bastante, porque estou cheio de cansaço e de somno. Adeus.

Alberto Telles.

ODOARTE, O LEAL CAVALLEIRO

Romance... mui verídico

POEM

H. KLEIN

(Continuado do numero antecedente)

Eis aqui, muito por alto, o que reza o velho romance de cavalaria, em cuja leitura a nossa juvenil beldade d'ind'agora, a ditosa inquilina da cubigada *villa* das margens do lago de Gmunde, empregava os seus cinco sentidos. E agora, que, d'um tolego, leu tudo até ao fim, pensativa, fita no espaço o olhar vago, e a cor assoma-lhe ás faces.

Ah! Odoarte, Odoarte, cavalleiro sem par, não morderas tu ha tantos annos; não tiveras despozado outra mulher! Mal sabias tu que, seculos depois, a fama de tuas briosas façanhas faria palpar o coração a outra donzella. Sabe pois, ó heroe, que a formosa Augusta, a filha do respeitavel chanceller do ministerio dos negocios internos, do digno cavalleiro Jozé Wintgart, saudosa, pensa em ti. Evoca, n'este instante, a tua imagem, a tua estatura, esbelta e elevada, o rico arnez de ouro e prata, esses olhos chammejantes, essa barba fina e macia como a propria seda, a maviosa canção d'amor, entoada com voz argentina... Em tudo isso pensa, e suspira.

Ah! tempos, tempos que já lá vão, em que os cavalleiros da tua fibra, assomavam, como por arte magica, ao limiar da porta de nobres paços reallengos e, n'um abrir e fechar d'olhos, acabavam tão heroicas e gloriosas façanhas e depois, modêlos de isenção, nem exigiam condecorações ou vernerias, nem medalhas de valor e merito: lá para elles, a unica recompensa, era sempre a mão do objecto amado.

Eis, porém, que, de subito, o olhar meditabundo da joven assume expressão de assombro, de susto — sobresaltára-a a apparição d'um vulto, o qual, das margens do lago, vinha caminhando em direcção á residencia.

Elevada a estatura, os olhos escuros, vivos, fulgurantes; a barba loura, fina como a seda... Tal qual o cavalleiro Odoarte, o heroe da lenda... o dono do assombroso papagaio! — Eis ahí o que ella, de si para si, pensou, pois era assim, pouco mais ou menos, que, em sua fantasia, o imaginára.

E Augusta, a romantica donzella, sentiu que lhe fugia a cor do rosto.

O cavalleiro Odoarte, porém, approximava-se. E comtudo, não ostentava arnez de ouro e prata, apenas um fato completo de verão, talhado no rigor da moda... Não lhe defendia a cerviz o pesado elmo de batalha, arvorando vistosas plumas, mas simplesmente um leve e fresco chapéu de palha; a destra não brandia a espada nem a lança de peleja, empunhava apenas o modesto e prosai-



COLOMBINA, BUSTO POR CAMPENY

co varapau de choupa e ponteira de latão, — o alpenstock dos passeios e das ascensões á serra.

A vista, porém, do traço modernissimo do cavaleiro, a sobresaltada donzella cahiu em si. Não, o esforçado Odoarte de certo se não erguera da campá, á luz do dia, para d'ella vir zombar!

— É outro, não ha duvida! — E d'ahi, á pressa com que vem, em breve elle dirá de sua pessoa...

Já está ao pé do muro que circunda a villa; com mão firme e robusta abre a cancela e penetra no jardim. Tres passadas mais, e eis-o ahi vem já no primeiro dos cinco degraus que dão accesso á varanda. — Tira o chapéu e diz:

— «Se não me engano, esta deve ser a residencia do sr. conselheiro Wintgart?»

— «E'», respondem-lhe em tom sumido.

Galga o forasteiro os cinco degraus:

— «Tenha muito bons dias, minha senhora! E' filha do senhor chanceler, sem duvida?»

A donzella acenou com a cabeça, que sim.

— «Quanto folgo em ter, logo de manhã cedo, a honra de travar conhecimento com tão formosa e gentil pessoa! Nem por muito madrugara se amanhêce mais cedo, diz o rifão, que d'esta vez não acertou.»

Ao visitante não passou despercebida a frieza do olhar que a donzella lhe voltou, o que, por forma alguma, porém, alterou o seu modo franco e decidido. Foi entrando por ali dentro, com todo o desembaraço, e encetou a sua apresentação:

— Chamo-me João Johannisberg... se lhe esquecer o meu appellido... lembre-se d'aquelle vinho com o mesmo nome... e que, por signal, não é nada máu! — O senhor seu pae e o meu são amigos, ha muitos annos. Poderei fallar ao papá? — Trago-lhe muitos cumprimentos, saudades por ahi além...

— Meu pae não deve tardar; foi á casa dos banhos, onde, todas as manhãs, vae tomar as aguas,

e se o cavalleiro quizer dar-se ao incommodo de esperar alguns minutos...

Sentou-se Augusta e o mancho, seguindo-lhe o exemplo, puxou d'uma cadeira e n'ella se deixou cahir com toda a semcerimonia.

— Não podia vir mais a proposito o seu convite. Que, apesar de ser tão cedo, aqui onde me vê, trago ja no corpo uma passeiata de cinco horas, e desaho a quem quer que seja para que a faça em menos de seis.

— Em tal caso bem precisa descansar; e n'esta varanda está agradável; demais, a vista é lindissima; vê se o lago, a serra...

— Não é feia. Eu, porém, declaro que muito mais grata me seria uma vista d'outra especie.

— D'outra especie?

— Sim! Por exemplo: pratos bem recheiados, garrafa, copos, etc. e tal.

— Oh!

— O que lhe digo é que se viesse visitar-me o filho unico d'um amigo d'infancia, creia que o não deixaria estar a fazer cruces na bocca.

— Ah!... eu... não sabia...

— Que eu vinha a cahir de fome? E oihe que não sou de cerimonia.

Seja o que for, comtanto que venha em quantidade, que se veja — Gosto muito de carne. — E se encontrar á mão uma pinga de vinho ou cerveja... tanto melhor.

Ergueu-se a donzella, que ficara, por assim dizer, passada, em vista dos prosaicos e materiaes instinctos do seu cavalleiro ideal.

— Queira desculpar; disse, vou já dar as necessarias ordens...

— E' isso mesmo, minha senhora; e lembro-lhe que não será máu attender á quantidade...

D'ali a cinco minutos, campava, sobre a meza, alentado pratalhaz de carne fria, pão, queijo, uma garrafa de vinho branco, etc., etc.; — e o senhor João Johannisberg lá foi dando conta de tudo

aquillo, e o caso é que, em quanto houve carne no prato e vinho na garrafa, não se lhe ouviu nem palavra.

Augusta foi se sentar, de largo, e, assaz desconsolada, seguiu com a vista as façanhas gastronómicas do voracissimo visitante. Tentou perguntar-lhe pelo pae, quando elle principiou a comer; a resposta, porém, foi apenas um grunhido inintelligivel, e ella, portanto, não tornou a dirigir-lhe palavra.

— Estava escandilizada, enojada até! Se já se vira coisa assim! Entrar, pela vez primeira, na casa alheia, e logo á entrada, pedir de comer? — Mas tambem quem lhe mandava a ella dar largas aos seus devaneios românticos?... Estava bem castigada, não ha duvida. Forte decepção! Fez de conta que não estava ali semelhante homem, nunca mais olhou para elle... tornou a abrir o livro e fingiu que lia, com toda a attenção... E comtudo, o seu rancor para com o hospede tomara maiores proporções do que ella propria imaginava. Presumira encontrar no mancho adventicio outras afinidades com o seu cavalleiro Odoarte, que não fossem a semelhança do rosto e a da barba... Elle, porém, a julgar pelas apparencias, não era lá muito dado a preoccupações românticas. Comia... como a pobre Augusta, em toda a sua vida, jámais vira alma christã comer!...

Apparentando seguir com anciedade e interesse a descripção tão palpitante da encarnizada lucta, travada entre o seu esforçado cavalleiro e o gigante que pretendia matá-lo, á traição, lançava de vez em quando um olhar, de soslaio, ao seu comensal, empenhado em combate singular, assaz renhido, com a perna de vitella, que se ia sumindo a olhos vistos. E comtudo, o aspecto viril, energico do decidido campeão, predispanha em seu favor. Os hombros largos, a caixa thoraxica assaz desenvolvida; a cabeça um tanto volumosa e o possante aparelho de masticação — os dentes fortes, agudos, quaes os de um lobo, — correspondiam de modo absoluto á imagem que qualquer menina romântica, em nossos dias, vê reflectir-se nos olhos d'alma, ao lêr os assombrosos feitos de um d'esses heroicos paladinos da Tavola-redonda. — Era, infelizmente, mais que duvidoso, que o senhor João Johannisberg, — cujo singularissimo appellido, conforme tão appropriadamente observára o seu possuidor, recordava o vinho de Johannisberg, e o recordava a ponto de irritar os nervos — era assaz duvidoso, repito, que o voraz forasteiro soubesse entoar chacaras, endeixas e tanger o alaude, qual soubera outr'ora o gentil requestador de D. Briolanja, a tão ditosa princeza.

Entremetas a melancolica Augusta, de si para si, d'este modo cogitava, o hospede dera por concluida a empreitada, e deposera, finalmente, o garfo e a faca, sobre a toalha. Um expansivo sorriso de homem farto lhe dilatava os labios.

— E o caso é que para primeiro almôço, foi bem bom; observou. — Cordealmente lhe agradeço, minha senhora, que o prazer de praticar uma boa acção é já meia recompensa. Acho que deve ser caso para grande satisfação, ver comer bem a quem traz fome!

A resposta foi um monosyllabo assaz indeciso. — Não?! Pois saiba que nas comedias d'este genero prefiro sempre o papel principal — sobretudo, quando, como esta manhã, me succede trazer no lombo uma boa estafa. E d'ahi, com tão aprazível espectadora, creio que jámais deixaria de comer com appetite.

(Continua.)

Pin-Sel. (trad.)

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Volume illustrado com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'Africa, combates, etc.

Dividido em 6 partes: Antes da partida — A viagem — Em marcha — As operações — O regresso — Epilogo

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis
Com uma linda espa de percaline, 500 réis

Está publicado e á venda

PEDIDOS Á EMPRESA DO OCCIDENTE
LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 e 29